

LÍNGUA CONHECIMENTO PRÁTICO PORTUGUESA

e
escala

EDIÇÃO 63 - PREÇO R\$ 5,90

A LINGUAGEM POÉTICA DE FERREIRA GULLAR

USOS ESTÉTICOS E EXPERIMENTAIS DO NOSSO LÉXICO



**NOVO
ENSINO MÉDIO
UMA AVALIAÇÃO
DA REFORMA**

**RECUPERAÇÃO
OPORTUNIDADE
DE ESTUDO QUE
PRECISA SER
LEVADA A SÉRIO!**

**PEDAGOGIA
DO FUTURO
MÍDIAS DIGITAIS,
FERRAMENTAS
DA EDUCAÇÃO**

**FORMAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR
CAEM AS FRONTEIRAS
ENTRE DISCIPLINAS
DIVERSAS**

ALFABETIZAÇÃO MÉTODOS RENOVADOS PARA MUDAR ANTIGOS CENÁRIOS

58

Capa

FERREIRA GULLAR E A LÍNGUA PORTUGUESA: EXPERIMENTAÇÃO ESTÉTICA, LINGUAGEM ENGAJADA E LIRISMO TRÁGICO E SUBVERSIVO

"O último grande poeta brasileiro", segundo Vinícius de Moraes. Gullar universalizou a língua portuguesa à medida que a experimentava na busca por novas formas de expressão. Com originalidade, procurou dar vazão a temas mais humanos, sendo o homem brasileiro e seus inúmeros problemas o foco. Por Anderson Alves Costa.



06

ALFABETIZAÇÃO: ENSAIANDO NOVAS CENAS PARA MUDAR ANTIGOS CENÁRIOS

Por Lilliane Martins Nunes da Silva. A cada nova estatística sobre o ensino no Brasil, os números não nos são favoráveis. E a alfabetização continua sendo um grande problema a ser solucionado. Enquanto a reforma não vem no nível macro, é o professor, dentro da sala de aula, o único responsável pela alfabetização dos alunos.



14

NOVO ENSINO MÉDIO: O QUE ENSINAR, COMO ENSINAR

Por Eugênio Cunha. A reforma do ensino médio proposta pelo governo federal continua sendo polêmica. Os que são contra reclamam, sobretudo, que não houve uma discussão mais aprofundada sobre as mudanças realizadas. Mas estará a sociedade apta a esta discussão? E as reformas? São tão ruins assim?



22

EXPLICAR MUITO ATRAPALHA APRENDER

Por Júlio Furtado. Ao tentar fazer com que os alunos cheguem às conclusões corretas, o professor pode correr o risco de interferir demais na capacidade de escolha dos alunos. Até que ponto deve-se induzir o aluno no processo do conhecimento?



24

RECUPERAÇÃO: CAUSA DA ORDEM OU REFORMULAÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES?

Por Lilliane Nunes. Quando um aluno "passa de ano" significa que todo o empenho do professor teve sucesso. Mas e quando o aluno repete ou precisa de uma recuperação? É um momento delicado que precisa ser bem trabalhado.

Seções fixas

05
RETRATOS64
ESTANTE66
QUER TER
SEUS TEXTOS
PUBLICADOS?**10 PRÁTICA INCLUSIVA EM MATEMÁTICA: EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES**

Por Ana Lúcia Mantique e Carlos Augusto Rodrigues Lima. Conheça o "Desafios para a Educação Inclusiva: pensando a formação de professores sobre os processos de domínio da Matemática nas séries iniciais da educação básica", um projeto que investigou ações de formação continuada que favoreceram o ensino de Matemática na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental junto a estudantes com necessidades especiais.

24 JOGANDO E BRINCANDO - NOVAS PERSPECTIVAS

Por José Ricardo Martins Machado e Marcus Vinícius da Silva Nunes. Com a popularização dos jogos tecnológicos e o uso cada vez mais cedo pelas crianças de smartphones e tablets, os jogos e brinquedos "clássicos" estão perdendo espaço. Mas eles são importante ferramenta de desenvolvimento corporal e cognitivo

32 UMA PEDAGOGIA PARA O FUTURO

Entrevista com Angela Cristina Munhoz Maluf - Mestre em Ciências da Educação, Membro titular

da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Um diálogo esclarecedor sobre o futuro da educação, que já chegou na forma da relação de professores e alunos com as novas tecnologias.

38 ...E AS FÉRIAS ACABARAM!

Entrevista com Denise Tinoco, pedagoga especialista em Educação Infantil e Psicopedagogia. Ela comenta sobre o período de férias e pós-férias escolares da gamitada, identifica este período como salutar e apresenta uma reflexão sobre o papel do professor neste contexto.

48 EM BUSCA DE UMA FORMAÇÃO TRANSDISCIPLINAR

Por Aline Fernanda Camargo Sampaio. A proposta transdisciplinar para a educação, ao encorajar a reconciliação das diferentes áreas do conhecimento, não exclui uma ou outra disciplina, uma vez que elas não são antagonicas, mas complementares.

48 A MINISTRA E O NOME "PRESIDENTA"

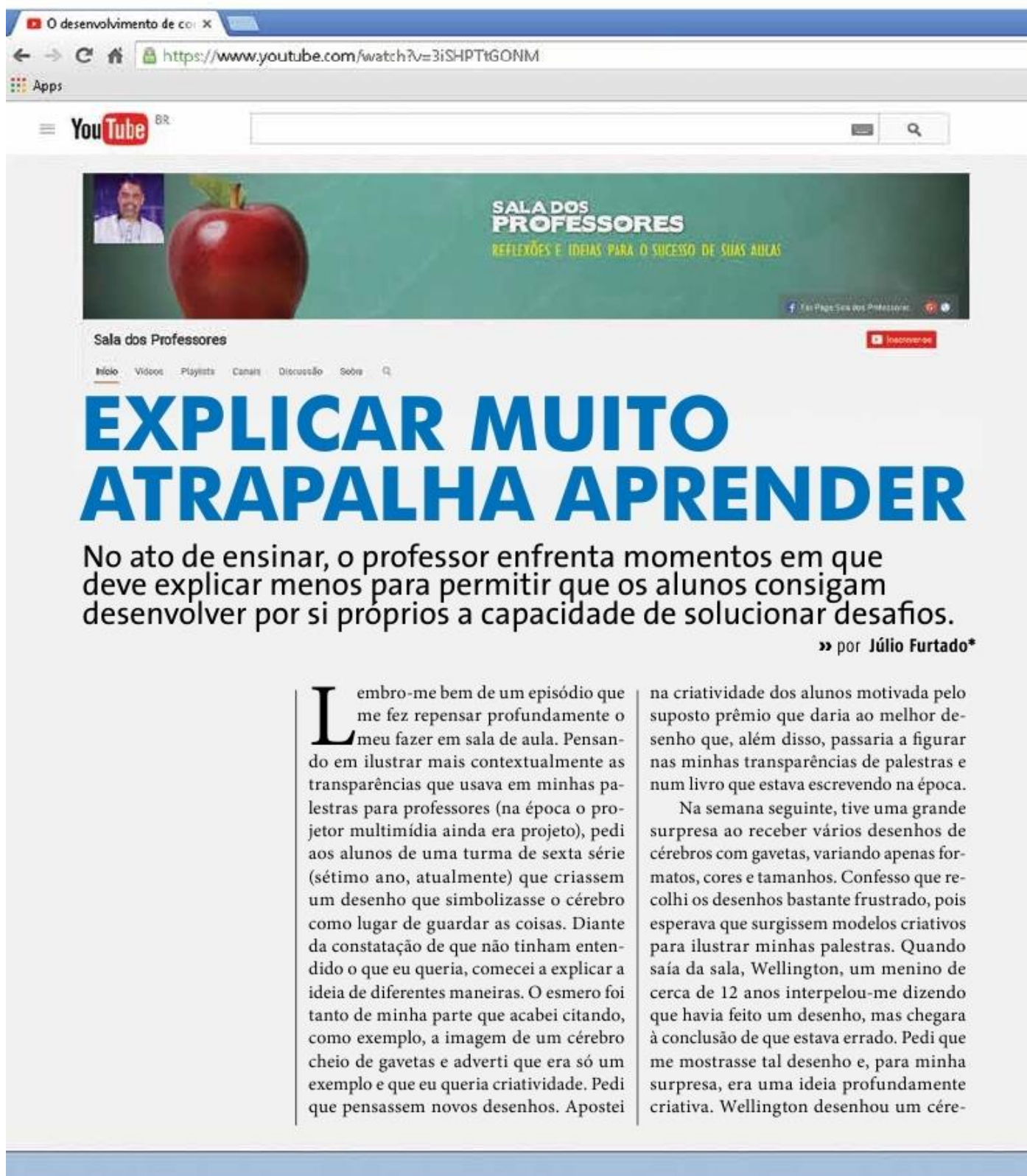
Por José Augusto Carvalho. A polêmica do presidente ou presidenta continua. Agora com a ministra Cármen Lúcia, eleita presidente do Supremo Tribunal Federal. Segundo se noticiou na imprensa, ela prefere "presidente" mesmo, retomando a discussão sobre qual é o certo e o errado.

50 SOME: GARANTIA DE EDUCAÇÃO PARA TODOS

Por Aradineí Gaió de Sousa. Um projeto nas cidades cercadas por regiões de selva na Amazônia mostra que é possível levar a alfabetização a todos. Nos 35 anos de funcionamento, o SOME foi ampliado para todo o estado do Pará, atravessou fronteiras e foi copiado para outros estados brasileiros e até outros países da América Latina.

52 ACABOU-SE A FESTA

Por Roberto Sarmento Lima. Comparando um poema e uma matéria jornalística quanto ao uso do pronome "se", podemos descobrir mais coisas do que imaginamos quanto à riqueza e complexidade da língua Portuguesa.



O desenvolvimento de co... X

← → ↻ 🏠 <https://www.youtube.com/watch?v=3iSHPTtGONM>

Apps

☰ YouTube BR

SALA DOS PROFESSORES
REFLEXÕES E IDEIAS PARA O SUCESSO DE SUAS AULAS

Sala dos Professores

Início Vídeos Playlists Canais Discussão Sobre 🔍

EXPLICAR MUITO ATRAPALHA APRENDER

No ato de ensinar, o professor enfrenta momentos em que deve explicar menos para permitir que os alunos consigam desenvolver por si próprios a capacidade de solucionar desafios.

» por **Júlio Furtado***

Lembro-me bem de um episódio que me fez repensar profundamente o meu fazer em sala de aula. Pensando em ilustrar mais contextualmente as transparências que usava em minhas palestras para professores (na época o projetor multimídia ainda era projeto), pedi aos alunos de uma turma de sexta série (sétimo ano, atualmente) que criassem um desenho que simbolizasse o cérebro como lugar de guardar as coisas. Diante da constatação de que não tinham entendido o que eu queria, comecei a explicar a ideia de diferentes maneiras. O esmero foi tanto de minha parte que acabei citando, como exemplo, a imagem de um cérebro cheio de gavetas e adverti que era só um exemplo e que eu queria criatividade. Pedi que pensassem novos desenhos. Apostei

na criatividade dos alunos motivada pelo suposto prêmio que daria ao melhor desenho que, além disso, passaria a figurar nas minhas transparências de palestras e num livro que estava escrevendo na época.

Na semana seguinte, tive uma grande surpresa ao receber vários desenhos de cérebros com gavetas, variando apenas formatos, cores e tamanhos. Confesso que recolhi os desenhos bastante frustrado, pois esperava que surgissem modelos criativos para ilustrar minhas palestras. Quando saía da sala, Wellington, um menino de cerca de 12 anos interpelou-me dizendo que havia feito um desenho, mas chegara à conclusão de que estava errado. Pedi que me mostrasse tal desenho e, para minha surpresa, era uma ideia profundamente criativa. Wellington desenhou um cére-

bro no lugar da CPU de um computador e explicou-me empolgado que é nessa parte do computador que ficam as memórias que guardam todos os dados. Perguntei por que achava que seu desenho estava errado e respondeu que era porque todos tinham desenhado cérebros com gavetas e provavelmente ele não havia entendido direito. O desenho do Wellington foi o vencedor e está presente até hoje em minhas telas ilustrando a ideia da aprendizagem como acumulação de conhecimentos.

O episódio me fez refletir sobre o que tinha levado os alunos a não criarem novos desenhos e encararem meu exemplo como um modelo a ser seguido. Ocorreram-se duas explicações básicas. A primeira é que de tanto serem “formatados” a seguir modelos, os alunos não concebem a ideia de ser criativos. A segunda é que eu não deveria ter explicado tanto, muito menos ter dado um exemplo, pois isso só reforça a “formatação” a que me refiro. Essa formatação é tão forte que alguns professores desistem de ser provocadores em sala de aula, em função da resistência dos alunos que pedem insistentemente um modelo para seguir. É o resultado de uma escola que, durante séculos, entregou o peixe já mastigado, cabendo ao aluno apenas engolir.

Cabe a nós, professores, refletir sobre o porquê de nossas atitudes em sala de aula. Essa tarefa nos leva a uma questão fundamental: como aprendemos a ser professores? Quem nos ensinou a dar aulas do jeito que damos aula? Responder essas questões nos leva a pensar em como constru-

ímos nossa identidade docente. Aprendemos a ser professores com os professores que nos deram aulas ao longo da vida. É um processo quase inconsciente. Nossos trejeitos, manias e crenças foram todos incorporados a partir da observação e convívio com outros professores e eles, em sua esmagadora maioria, acreditavam que o conhecimento estava em suas cabeças e que o papel do professor é transferir o conteúdo de sua cabeça para a cabeça do aluno. Nesse processo, a explicação detalhada e exaustiva tem um papel essencial.

Com o avanço das pesquisas na área cognitiva e das neurociências, pudemos descobrir que o cérebro aprende mais significativamente quando é desafiado e não quando recebe as respostas prontas. A compreensão do significado ocorre de forma muito mais forte e profunda quando o aluno tem a oportunidade de construir hipóteses a partir do sentido inicial que atribuiu ao conteúdo.

É preciso, então, que nos desvinculemos da crença tão enraizada pela escola de que a aprendizagem é um simples processo de transferência de informações. Aprender significativamente exige correr riscos, fazer tentativas, buscar saídas. O papel do professor nesse contexto é o de um estrategista que elabora situações para que a aprendizagem ocorra, coisa que muita explicação atrapalha mais do que ajuda. Nosso papel deve ser muito mais o de ensinar a pescar do que o de entregar o peixe mastigado. A razão? Muito simples. Transformar o mundo exige muito mais “pescadores” do que simples “engolidores”.

Assista vídeo sobre esse tema no Canal Sala dos Professores no Youtube:
https://www.youtube.com/channel/UCJLfgAwlBR_1ANS3eU9xvQ

*Júlio Furtado, mestre em Educação pela UFPI. Pós-graduado em Orientação Educacional. Doutor em Ciências da Educação e Diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana, Cuba. Graduado em Pedagogia. Escritor. Palestrante.

POR DENTRO

CPU

Sigla para Central Processing Unit – em português, unidade central de processamento. É a parte de um sistema computacional que executa as instruções de um programa de computador a fim de desempenhar a aritmética básica, a lógica e a entrada e saída de dados. O formato das CPUs foi se modificando ao longo do tempo e sua implementação mudou drasticamente desde os primeiros modelos. Seu funcionamento fundamental, porém, continua basicamente o mesmo. Os maiores avanços no desempenho das CPUs se deram em função da miniaturização de seus componentes de modo a tornar mais eficiente sua capacidade de processamento.

CONCEITO



CRIATIVIDADE

A expressão da criatividade é fruto da complexidade do contexto social e do desenvolvimento natural e humano de um indivíduo dentro desse contexto. O potencial de criatividade se apresenta na capacidade de um indivíduo criativo em construir e reconstruir, transformando a realidade por meio de seus pensamentos e ações motivados pela criatividade. Todos temos uma capacidade criativa que pode e deve ser melhor desenvolvida. Se ela não for exercitada, a tendência é o indivíduo estacionar em sua forma de pensar.